



A FORMAÇÃO DE UM GRUPO SÓCIO-ESPACIAL NA VILA DO AMANHECER: INVESTIGAÇÃO POR MEIO DO USO DO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DA ASSESSORIA TÉCNICA

*THE FORMATION OF A SOCIO-SPATIAL GROUP IN VILA DO AMANHECER: RESEARCH
THROUGH THE USE OF AUDIOVISUAL DOCUMENTARY AS A TECHNICAL ADVISORY TOOL*

*LA FORMACIÓN DE UN GRUPO SOCIAL-ESPACIAL EN VILA DO AMANHECER:
INVESTIGACIÓN MEDIANTE EL USO DEL DOCUMENTAL AUDIOVISUAL COMO
HERRAMIENTA DE ASESORAMIENTO TÉCNICO*

EIXO 2

SANTIAGO, Beatriz

Mestre em arquitetura; Universidade Federal do Vale do São Francisco
beatriz.lemos@univasf.edu.br

ROSSI, Paulo José

Mestre em Sociologia; UNIESP Centro Universitário
pjrossi@gmail.com



A FORMAÇÃO DE UM GRUPO SÓCIO-ESPACIAL NA VILA DO AMANHECER: INVESTIGAÇÃO POR MEIO DO USO DO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DA ASSESSORIA TÉCNICA

RESUMO

A dificuldade de separar a Vila do Amanhecer enquanto espaço físico-territorial e enquanto grupo de pessoas que ocupam e dão sentido àquele lugar, fez-nos questionar se se trata de um grupo sócio-espacial de acordo com a definição de Kapp (2018). A fim de responder tal questionamento, esta investigação utilizou da produção e análise de um documentário audiovisual realizado na Vila, localizada na cidade do Conde, Paraíba, realizado enquanto atividade de assessoria técnica em arquitetura e urbanismo. Isto foi feito com base no entendimento dos conceitos de espaço (enquanto fato geográfico), de lugar (enquanto fato cultural) e do conceito de grupo sócio-espacial. Por fim, apresenta-se uma reflexão sobre o documentário audiovisual enquanto ferramenta possível para a assessoria técnica e sobre conceitos de direito à cidade, produção e apropriação do espaço, e a constatação da formação e consolidação de um grupo sócio-espacial na Vila.

PALAVRAS-CHAVE: grupo sócio-espacial. lugar. paisagem. Vila do Amanhecer. documentário.

ABSTRACT

The difficulty of separating Vila do Amanhecer as a physical-territorial space and as a group of people who occupy and give meaning to that place, made us question whether it is a socio-spatial group according to Kapp's (2018) definition. In order to answer this question, this investigation used the production and analysis of an audiovisual documentary made in Vila, located in the city of Conde, Paraíba, carried out as a technical consultancy activity in architecture and urbanism. This was done based on the understanding of the concepts of space (as a geographic fact), place (as a cultural fact) and the concept of socio-spatial group. Finally, a reflection is presented on the audiovisual documentary as a possible tool for technical assistance and on concepts of the right to the city, production and appropriation of space, and the observation of the formation and consolidation of a socio-spatial group in Vila.

KEYWORDS: socio-spatial group. place. landscape. Vila do Amanhecer. documentary.

RESUMEN

La dificultad de separar Vila do Amanhecer como espacio físico-territorial y como grupo de personas que ocupan y dan sentido a ese lugar, nos hizo cuestionarnos si se trata de un grupo socioespacial según la definición de Kapp (2018). Para responder a esta pregunta, esta investigación utilizó la producción y análisis de un documental audiovisual realizado en Vila, ubicada en la ciudad de Conde, Paraíba, realizado como una actividad de consultoría técnica en arquitectura y urbanismo. Esto se hizo a partir de la



comprensión de los conceptos de espacio (como hecho geográfico), lugar (como hecho cultural) y el concepto de grupo socioespacial. Finalmente, se presenta una reflexión sobre el documental audiovisual como posible herramienta de asistencia técnica y sobre conceptos de derecho a la ciudad, producción y apropiación del espacio, y la observación de la formación y consolidación de un grupo socioespacial en Vila.

PALAVRAS-CLAVE: grupo sócio-espacial. lugar. paisage. Vila do Amanhecer. documental.



INTRODUÇÃO

A atividade aqui relatada é fruto da experiência discente no curso de especialização em Assistência Técnica nas Áreas de Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Paraíba. Neste processo, a Vila do Amanhecer recebeu a turma de especialização e ao longo das nossas primeiras atividades lá realizadas ficou clara a liderança exercida pela presidente eleita da Associação de Moradores. Contudo, além da liderança, percebia-se também um senso de coletividade e de identificação com o lugar presente nas falas e ações de outros moradores com os quais interagimos. A partir disto surgiu o questionamento se a Vila do Amanhecer tem características de um grupo sócio-espacial, que consiste em um grupo de pessoas que ao se relacionarem entre si em um espaço o constituem e são constituídas por ele (KAPP, 2018).

Sendo assim, este trabalho parte do interesse de verificar a existência do grupo sócio-espacial, assim como compreender seu processo de constituição. Isto foi feito por meio da produção de um documentário audiovisual, partindo do seu entendimento e utilização enquanto ferramenta científica e poética.

Isto posto, o objetivo central deste estudo é revelar, por meio da produção e posterior análise do documentário intitulado “O nome da Vila”, aspectos e dinâmicas sociais que caracterizam o conjunto dos moradores da Vila do Amanhecer como grupo sócio-espacial. Para tanto caberá realizar algumas reflexões: 1) discutir o documentário audiovisual como ferramenta poética para o conhecimento da comunidade e a prática da Assessoria Técnica; 2) investigar a transformação do local em lugar a partir do momento em que se inicia a ocupação territorial; e 3) verificar como o conjunto de moradores se consolidou num grupo sócio-espacial a partir do relato das histórias coletivas.

O documentário não teve estruturação prévia, fomos às entrevistas a fim de conhecer as histórias e a partir delas compreender como poderiam ser contadas. As etapas de roteirização (a partir do material captado), documentação e edição foram administradas por nós, pesquisadores. No entanto, isto só foi possível graças à participação direta dos moradores que nos consentiram as entrevistas a partir das quais pudemos compreender a Vila e construir a história apresentada. O resultado da produção audiovisual pode ser entendido como instrumento poético relevante para a assessoria técnica na medida em que seu produto sirva à comunidade como resgate e preservação da memória local, como instrumento de reflexão a respeito de suas lutas e engajamentos, e fortalecimento dos laços coletivos da comunidade.

A produção de “O nome da Vila” gerou muita expectativa nos moradores, as entrevistas ultrapassaram a mera coleta de dados, conseguiu-se trazer para a superfície elementos do cotidiano que revelam aspectos como as atribuições de sentido ao lugar, à paisagem natural transformando-a em paisagem cultural. Nascer em um lugar, como a Vila do Amanhecer, significa brotar num espaço provido de história, de significados e de memória edificadas no “mundo-da-vida-cotidiana”. É na vida-cotidiana, espaço-temporal privilegiado da dinâmica social, que o lugar e a paisagem são produzidos.



O LUGAR E O "MUNDO DA VIDA COTIDIANA"

Propor a Vila do Amanhecer como um espaço físico-territorial dotado de características naturais (geológicas, biológicas, climáticas), localizado num espaço geográfico específico delimitado, e incrustada numa paisagem que abarca um conjunto de técnicas implementadas pela dinâmica humana desde antes de sua ocupação, é insuficiente para compreendê-la em sua totalidade. Como escreveu o arquiteto Christian Norberg-Schulz (2006, p. 445. Grifo nosso.), definir o lugar apenas por meio de conceitos analíticos implica em perder de vista **“o mundo-da-vida cotidiana”** e, assim, limitar sua essência.

A Vila do Amanhecer é um lugar, e como tal é dotado “de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura, cor (...) [coisas que] determinam uma “qualidade ambiental” que é a essência do lugar (...) um fenômeno qualitativo total”, como definiu Norberg-Schulz (ibidem, p. 444-445). Mas o que dá sentido a esta qualidade ambiental é o espírito que reina neste lugar, é seu *genius loci* (ibidem), elemento vital que amalgama a vida das pessoas ao lugar, é o que estrutura a criação de identidade com o lugar, é a chama que alimenta a cultura gerada e geradora do lugar.

Neste sentido, a paisagem na qual a Vila se insere deixa de ser apenas um fato geográfico para se tornar um fato cultural, como propôs o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (2005, p. 39). A avaliação da paisagem (de seus atributos naturais e técnicos) é balizada pela identificação de quem as observa com o lugar. Gelado ou quente, verde ou árido, plano ou montanhoso, o curso do rio, a fauna e a flora, os sons, as cores e os cheiros, os sistemas de orientação (na Vila do Amanhecer, casas de baixo, rentes ao rio, e casas de cima distantes da água; o portão de entrada da Vila como limitador do espaço de até onde a criança pode ir), ou seja, o conjunto de coisas concretas que a caracterizam são também atributos apropriados estético, sensorial e, portanto, culturalmente e que dão sentido ao lugar. A paisagem é “material, real, que se dá à percepção. (...) A coisa percebida e sua representação (conceitual, visual, verbal etc.) existem simultânea e simbioticamente. (MENESES, 2002, p. 32)

Nascer em um lugar, como a Vila do Amanhecer, significa brotar num espaço provido de história, de significados e de memória edificadas no “mundo-da-vida-cotidiana”. É na vida-cotidiana, espaço-temporal privilegiado da dinâmica social, que o lugar e a paisagem são produzidos. Ulpiano Bezerra de Meneses propõe que a paisagem tem história, ela é dinâmica e não estável e, por esta razão, nos oferece pistas materiais para compreender seu processo histórico. São seus “‘traços fósseis’ que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo.” (MENESES, 2002, p. 36). Milton Santos vai mais além ao afirmar que os resultados obtidos por meio de um conjunto de técnicas (visíveis e invisíveis) mobilizadas na configuração da paisagem são frutos das relações sociais e, por esta razão, “extrapolam o processo direto da produção e permitem pensar num verdadeiro processo político de produção.” (SANTOS, 1994, p. 31)



Pensar o lugar e a paisagem como fato geográfico é considerá-los como algo externo às pessoas ou aos grupos que deles se apropriam e neles produzem cultura. A identificação das pessoas com os lugares se intensifica em processos individuais, mas sobretudo coletivos. A produção do lugar – como espaço identitário, dotado de um espírito que o alimenta e dá sentido – resultam deste processo político de produção do qual fala Milton Santos.

Para compreender melhor esta proposição, nos apropriamos do conceito de grupo sócio-espacial defendido por Silke Kapp:

(...) grupo sócio-espacial designa um grupo de pessoas que se relacionam entre si num espaço, **sendo esse espaço constitutivo do grupo e, inversamente, constituído por ele**. A articulação entre espaço e nexos social é necessária e dialética: **necessária porque o grupo não existiria sem ela; dialética porque tensionada e sempre em processo** (...). Na linguagem de Henri Lefebvre, **um grupo sócio-espacial produz um espaço e é produzido por ele**. Um grupo que dá conta de se constituir produzindo um espaço ou na perspectiva de fazê-lo, terá alguma ideia de autonomia, por mais frágil que seja. (2018, p. 223-224. Grifo nosso.)

Grupo e espaço são constitutivos um do outro, as apropriações físico-territorial e simbólica se dão de forma a criar uma simbiose entre grupo e espaço sem que pudessem existir separadamente. Esta construção é um processo político e cultural constante, e “a história da produção coletiva do espaço (...) importa mais do que as eventuais inadequações nos seus produtos.” (idem, 234). É neste processo que o espaço se constitui como lugar, o lugar apreendido como um fenômeno que nasce das histórias individuais e coletivas nele vividas e compartilhadas.

A POÉTICA AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DA ASSESSORIA TÉCNICA

Documentário: um documento com narrativa poética

Todo documento deve ser tomado como expressão – técnica, econômica, cultural etc. - de uma sociedade – ou de parte dela - de uma época. “Não são, pois, documentos os objetos de pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade”, propôs Ulpiano Bezerra de Menezes (2003, p.28).

Estudar uma produção audiovisual de estilo documentário implica ter consciência de sua condição de documento, e de sua subordinação ao mundo social. Fato que caracteriza o estilo documentário, seja fotográfico ou no formato audiovisual, é a abordagem do mundo real, do mundo histórico, e, como propôs o cineasta João Moreira Salles (SALLES, 2005, p. 58), o contrato social que esta perspectiva implica.



A relação de contiguidade com a realidade que caracteriza todo documento (SALLES, 2005) se estende à própria produção dos filmes documentários uma vez que o objeto de suas abordagens reside no mundo histórico. A particularidade deste tipo de documento é que sua estrutura formal, técnica e estética é, também, como escreveu o sociólogo José de Sousa Martins, “uma construção imaginária, expressão e momento do ato de conhecer a sociedade com recursos e horizontes próprios e peculiares.” (2009, p. 10-11) O cinema documentário é, neste sentido, um documento em forma de narrativa poética, um conjunto narrativo de histórias recolhidas durante sua produção amalgamado na construção imaginária de quem o produziu.

Igualmente relevante para compreender a natureza deste tipo de documento audiovisual, é saber que os depoimentos recolhidos a respeito dos fatos ocorridos vêm emoldurados por certa racionalização do narrador. Filtros são, consciente ou inconscientemente, acionados por seus narradores na interação com os produtores do documentário que investigam aquela realidade. Nem tudo é revelado, nem tudo é contado exatamente como aconteceu, os relatos acontecem circunscritos às conveniências, e na “linha do tempo abstrato”, sem a espessura da realidade (BACHELARD, 2000). Histórias são mediadas pela memória, pelas emoções, pelas percepções: “o narrador não só informa, mas informa interpretando” (MARTINS, 2009).

Documentário audiovisual como ferramenta da assessoria técnica em arquitetura e urbanismo

“O nome da Vila” é fruto de um trabalho de caráter etnográfico dentro de uma atividade de assessoria técnica em arquitetura e urbanismo. As frequentes visitas, as muitas conversas informais com moradores e moradoras, as anotações de nossas observações, as inúmeras fotografias tomadas do lugar e das pessoas, e a gravação de alguns depoimentos constituem algo como um grande caderno de notas. O estudo e sistematização do conteúdo deste caderno nos permitiu avançar sobre o que estava aparente, mas, principalmente, nos levou a mergulhar no campo do que estava invisibilizado.

“O nome da Vila” não revela tudo, as pessoas não revelam tudo, mas dá visibilidade ao que está nas entrelinhas da vida cotidiana, nas práticas individuais e coletivas, e nos gestos que afirmam a coesão de um grupo que produz o espaço e que por ele é produzido, como veremos mais adiante.

É neste sentido que podemos propor o documentário audiovisual, bem como outras formas de linguagens, como ferramenta poética relevante para o exercício da assessoria técnica, um instrumento de conhecimento e de descoberta do grupo e do lugar. É, também, uma ferramenta que pode servir ao grupo local para o fortalecimento de seus laços, para construir ou consolidar sua consciência coletiva, para preservar e transmitir suas memórias às futuras gerações.



ESPAÇO, LUGAR, GRUPO, VILA

Um dos nossos interesses ao produzir o documentário com a Vila do Amanhecer era compreender se existe ali a constituição de um grupo sócio-espacial de acordo com o conceito de Kapp (2018). A definição do referido grupo parte do entendimento de que o espaço não é subjacente na sua organização, assim como no que se entende enquanto grupos sociais. Mas, ao contrário, “a articulação entre espaço e nexos social é necessária e dialética: necessária porque o grupo não existiria sem ela; dialética porque tensionada e sempre em processo” (Silke Kapp, p. 154, 2018).

Sendo assim, construímos o documentário a partir da investigação sobre a existência e características de tal articulação na Vila. Buscamos acessar as memórias dos primeiros moradores sobre a sua chegada ao espaço quando a estrutura física (e simbólica) deste ainda não tinha o caráter¹ atual, e procuramos compreender como se deu o processo de produção do espaço, o que nos levou, conseqüentemente, a alcançar relatos que ilustram como o espaço também tem produzido o grupo. É certo que a produção de grupo e espaço é simultânea neste processo. No entanto, destacamos aqui algumas falas que deixam clara a produção do espaço por parte de grupo e a produção do grupo por parte da relação com o espaço.

O grupo produzindo o espaço

Apesar de o conceito de grupo sócio-espacial trazer o termo espaço como elemento constitutivo, trazemos aqui uma reflexão sobre o seu significado. Ao argumentar sobre o que seria a estrutura do lugar, Norberg-Schulz (p. 449, 2006) diz que “[...] ‘espaço’ indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar”. Para Schulz (p. 445, 2006), lugar significa mais do que uma localização. O lugar é constituído “[...] de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam uma “qualidade ambiental” que é a essência do lugar”.

Ou seja, antes da existência do lugar, existe o sítio. E o propósito do construir – transformar a paisagem natural em paisagem cultural – é revelar os significados presentes de modo latente naquele ambiente. Entendemos, então, lugar enquanto espaço sobre o qual se atribuiu significado. Deste modo, ao analisar a narrativa dos moradores entrevistados, percebemos sinais de atribuição de significado ao espaço desde o momento de seus primeiros contatos com o lugar, como quando foi dito:

No que eu conheci, na verdade, eu já gostei do lugar. Então eu tinha uma visão do lugar como se ela um dia fosse virar rua. A qual não tinha

¹ De acordo com Schulz (2016) o caráter indica, por um lado, uma atmosfera geral e abrangente, por outro lado, indica a forma e a substância dos elementos definidores do espaço.



valor nenhum naquele momento, mas que um dia ia ser valorizada e muito. (Moradora 1)

Vimos *praqui*, aqui não tinha... não existia nada, só carrapicho mesmo. Aí a gente viemos *pra cá* e começemos a urbanizar, plantar fruteira. [...] Não tinha energia, era gambiarra. (Morador 2)

Cheguei aqui, tipo assim, eu conhecia algumas meninas daqui da comunidade e vim aqui *pra* ir pro rio a primeira vez, né? E cheguei aqui e me apaixonei pela comunidade, pelo lugar, lugar muito maravilhoso, calmo, tranquilo, tipo assim, mágico. Me apaixonei pela comunidade e falei: eu quero morar aqui. (Moradora 3)

A moradora 1 chegou ao espaço que hoje constitui a Vila do Amanhecer quando moravam ali apenas 3 famílias. Mesmo que naquele momento não existisse a configuração de vila, ela projetou mentalmente alterações na paisagem a fim de atribuir valor àquele lugar. A fala do morador 2, que chegou pouco tempo depois da anterior, reforça as características da paisagem ainda com pouca intervenção humana, nos levando a compreender o seu processo de conformação. A moradora 3 narra a sua chegada à vila que aconteceu anos depois dos anteriores. Naquele momento o ambiente já estava impregnado de uma qualidade a qual Schulz chama de *genius loci*, a essência do lugar. Tal qualidade causou identificação² na moradora, que ali permaneceu.

A fim de se estabelecerem no lugar, os primeiros moradores retiraram madeira do mangue local para construir as casas em taipa de mão. Hoje este processo não se repete, pois, a consciência de preservação ambiental do grupo não está alinhada com este tipo de extrativismo. No entanto, vê-se neste fato uma forte relação entre a paisagem cultural que se desenhava e a paisagem natural que lhe dá suporte. O morador 2 relatou com orgulho que a casa em que mora atualmente é a mesma que construiu, ele mesmo, há 17 anos, em taipa de mão. Situação não tão distinta a outras moradias que foram autoconstruídas pelos próprios moradores com auxílio de amigos e familiares.

Um dos eventos em que fica mais evidente a produção do espaço pelo grupo organizado é a abertura da estrada que dá acesso à vila. A moradora 1 narra com alegria a memória do período em que os moradores, juntos, trabalharam a fim de criar a passagem: “Era cachorro, era criança. Uns cavavam, uns puxavam aterro, outras já limpavam o mato, cortavam, raspavam com facão. Entendeu? As crianças às vezes levavam o copinho d’água pra fulano, aí levava um copinho d’água pra ciclano.” Os moradores 2, 4 e 5 enfatizaram em suas falas o fato de a estrada ter sido aberta a mão, com enxada e picareta, assim como a manutenção ainda é feita. “Não invadiram, fizeram um ato de necessidade”, é o que o morador 2 fala sobre a abertura da estrada que foi feita sobre propriedade privada, já que era aquele o único caminho viável.

² “‘Identificação’ significa [...] uma relação amistosa com determinado ambiente”. (Schulz, p. 546, 2006)



Naquele momento o grupo de moradores se encontrava numa fase de produção coletiva do espaço que ocupava, mas sem organização formal³, o que Kapp (2018) apresenta como uma das possibilidades de configuração de grupo sócio-espacial. Percebe-se também nos eventos narrados a autonomia inerente aos grupos sócio-espaciais, pois como também argumenta Silke Kapp (2018, p. 224): “Um grupo que dá conta de se constituir produzindo um espaço na perspectiva de fazê-lo terá alguma ideia de autonomia, por mais frágil que seja.” A autoprodução da vila é viva nas narrativas individuais e é evidente o mérito que é dado a este processo por parte dos moradores, como exemplificado na fala da moradora 1 “Hoje lá é muito bom, entendeu? Então mudou, o lugar mudou. Mas mudou por quê? Porque **quem ficou fez com que acontecesse**, e a mudança veio” (grifo nosso).

A moradora 8, uma pré-adolescente, fala na sua entrevista que o lugar que mais gosta dentro da vila⁴ é uma espécie de praça efêmera que é montada mais ou menos na metade da altura da rua todos os dias. Ela justifica sua predileção dizendo: “É porque aqui a gente, quando é de noite ou de tarde, a gente vem tudinho pra essa cadeira. Aí fica essas cadeiras aqui. Aqui é a praça. Aí fica conversando. Quando é umas sete horas a gente entra. Quando é no outro dia às três horas vêm tudinho de novo. É bom demais!” (figura 01).



Figura 01: A praça mencionada pela moradora 8. Cena extraída do documentário.

³ A organização formal só aconteceu anos mais tarde com a fundação da Associação de Moradores da Vila do Amanhecer.

⁴ Que foi, inclusive, o lugar que escolheu para dar sua entrevista.



Segundo Norberg-Schulz, habitar refere-se às relações entre o ser humano e o lugar e “o homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas” (p. 458, 2016), o que, como dito, o grupo sócio-espacial em questão tem feito de forma autônoma a partir da compreensão da vocação do lugar.

O espaço produzindo o grupo

Ninguém tem rixa com ninguém aqui. Desde o início que é isso. Nunca chegou ninguém estranho, nem ninguém aceita também, né? É tanto que se quando alguém for vender um terreno aqui, ou uma casinha dessa aqui, tem que saber quem é a pessoa, se tem boa índole, se não mexe com negócio de droga, coisa ilícita, né? Essas coisas. Porque se for, ninguém aceita. (Morador 6)

Para discutir sobre como o espaço tem produzido o grupo na Vila do Amanhecer, é importante retornar ao conceito de *genius loci*, que os antigos reconheciam como aquele “outro” que os homens precisam aceitar para serem capazes de habitar (SCHULZ, 2016). O morador 6, um dos primeiros com que tivemos contato, já nos adiantou, no trecho exposto acima, sobre a necessidade de um alinhamento entre as pessoas que habitam o lugar. Este tema foi retomado pela moradora 5, ao falar sobre o período em que um grupo de pessoas chegou ao lugar dizendo que de lá eram donos enquanto andavam armados pela rua, a fim de impor medo aos moradores. A moradora 5, que relata sentir a presença de seres espirituais, disse ter tido à época o contato, às margens do rio, com o ser que ela trata como protetor. No momento, ela diz ter pedido àquele ser que o equilíbrio fosse restabelecido na vila, com a saída do tal grupo desordeiro, o que aconteceu dias depois.

Nas palavras da moradora 5 “Neste pedaço de terra que você vê aqui, chamado Vila do Amanhecer, existe um ser espiritual que aqui dentro só fica quem ele quer. Então todos que moram aqui, só convive aqui dentro quem ele quer. Você pode ter carro, ter moto, ter casa mobiliada. Mas se ele disser que vai embora, vai.” Não há o intuito de comparar a utilização da palavra espírito por parte de Norberg-Schulz e por parte da moradora 5, pois em cada contexto a palavra tem um significado. Porém, vemos quase de forma ilustrativa a relação entre a fala dos moradores e a ideia de espírito do lugar, deixando evidente esta essência, o *genius loci* que conecta o grupo sócio-espacial.

É notável nas falas que as preocupações convergem para a preservação das qualidades do lugar, principalmente no que diz respeito à natureza com a qual a vila interage. Isso é perceptível quando o morador 7, indígena, valoriza em sua fala o cuidado que o grupo tem com a natureza, a exemplo da gestão do lixo, um dos motivos que o faz permanecer no lugar. O morador 2 relata sobre como os moradores atuam no combate a eventuais incêndios que acontecem nas áreas perimetrais e de acesso à vila e como este conflito com o fogo têm refletido na diversa fauna que vive no local, deixando muitas vezes os animais sem saída. Ao falar sobre os mesmos eventos, a moradora 4 se emociona a ponto de derramar lágrimas ao pensar no sofrimento dos



bichos. É possível, portanto, propor a leitura desta relação entendendo que a luta que travam a favor da preservação do lugar se dá pelo modo que o próprio espaço tem os afetado e produzido enquanto grupo.

Fato é que era objetivo de muitos dos entrevistados encontrar um lugar calmo para viver quando decidiram habitar a Vila do Amanhecer, como expõe a moradora 5:

Eu acredito muito que os moradores da Vila do Amanhecer encontraram aquele **lugarzinho** chamado paz. Essa é uma palavra que cabe muito bem. Porque a maioria deles aqui vem de interior, morava em favelas, certo? Morava em lugares que não existia tranquilidade. E na Vila do Amanhecer eles encontraram paz. A dignidade de viver, né? (Moradora 5, grifo nosso)

A afirmação da moradora 5 é confirmada na fala da moradora 4, que vive com seu irmão e filho, ambas pessoas com necessidades especiais. Ela diz sobre a vila:

Foi onde mais eu fui ter paz na minha vida aqui com meu menino. Onde ele veio ter paz na vida dele. Porque quando eu vivia no Grotão, ele vivia mais internado do que em casa. Mas aqui, graças a Deus, só chegou a ser internado duas vezes. Ai pronto, ficou bom até hoje. Graças a Deus ele vive em paz. [foi perguntada a que deve essa mudança do filho]. Eu acho assim, por causa da comunidade, né? Todo mundo respeita ele, ele respeita as pessoas, as pessoas respeitam ele [...] Quando eu saio todo mundo olha ele aqui. (Moradora 4)

Norberg-Schulz (p. 458, 2018) parte das definições do filósofo Martin Heidegger para concluir que “habitar significa estar em paz num lugar protegido”. A intenção, ou consequência de chegar a um lugar de paz e proteção é bem ilustrada na fala acima. Este significado é reiterado em mais uma fala da moradora 5: “Esse lugar, a Vila do Amanhecer, ele é sempre nascente, é sempre resplendor. Isso aqui é um olho d’água eterno. É sempre pra nascer e fortalecer aqueles que chegam.”

Parece-nos, ao analisar este processo a partir das histórias coletivas contadas para o documentário, que na Vila do Amanhecer “o espaço do grupo importa mais do que os espaços individuais dos seus integrantes”, característica dos grupos sócio-espaciais (KAPP, p. 169, 2018). Vemos, portanto, que o grupo se forma a partir da atração pelas características físicas e simbólicas do lugar e se mantém enquanto grupo no processo de preservação do seu caráter, que tem forte relação com a paisagem natural que lhe abriga.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos neste trabalho uma leitura sobre a Vila do Amanhecer a partir da adoção do documentário audiovisual enquanto ferramenta poética de captação e análise de subjetividades. A partir disto, cabe colocar neste momento o envolvimento inerente a este trabalho de campo, em que o produto é resultado de uma contaminação mútua, dos entrevistados por parte dos pesquisadores, a partir do momento em que selecionam suas narrativas, suas posturas, seus argumentos; e dos pesquisadores por parte dos entrevistados, que não estão isentos de se envolverem nas tramas descortinadas a cada porta que se abre ao encontro do novo.

Chegamos para as gravações julgando ser conhecedores do lugar e conhecidos pelo grupo. Porém, não demoramos a perceber a profundidade das histórias individuais e a complexidade dos laços criados entre os indivíduos e entre estes e o lugar. Procuramos, por isto, desenvolver o trabalho cuidadosamente, tanto no diálogo travado durante as entrevistas, pois histórias íntimas foram acessadas e demandavam empatia e acolhimento, quanto na edição do material captado, a fim de não expor de forma equivocada os participantes. Neste processo também nos sentimos acolhidos, sendo inclusive recebidos com doces e almoço que nos preparavam para continuar a jornada.

É certo que buscamos com este artigo revelar, por meio da análise do documentário audiovisual por nós produzido, os aspectos e dinâmicas sociais que caracterizam o conjunto dos moradores da Vila do Amanhecer como grupo sócio-espacial, o que julgamos ter alcançado a partir da articulação entre o produto e a literatura que nos balizou. No entanto, vemos também o potencial de alcançar o objetivo subjacente à nossa iniciativa de realizar este trabalho, o de produzir um documento poético sobre a Vila capaz de permitir que pessoas que não a conhecem, passem a conhecer e, principalmente, capaz de fortalecer a autonomia do grupo por meio da reconstrução da história coletiva, o que Kapp (2018) argumenta ser um dos papéis da assessoria que reconhece o caráter sócio-espacial de um grupo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAPP, Silke. Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica. **Rev. Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, V.20, N.2, p.221-236, Maio-Ago. 2018.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. In: ECKERT, Cornélia; MARTINS, José de Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005.



MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Paisagem como fato cultural. In: YÁSIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: ECKERT, Cornélia; MARTINS, José de Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

SANTOS, Milton. Técnicas, tempo, espaço, cap. 5, in Técnica, espaço, tempo", parte II. In _____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio-técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.